

Leitores e leituras de Raízes do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda no anos 1930¹

Readers and readings of Sérgio Buarque de Holanda's Raízes do Brasil in the 1930s

Diogo da Silva Roiz¹

Resumo: Pretende-se analisar as leituras que foram propostas à primeira edição de *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, por meio do estudo dos 78 recortes (comentários e resenhas) elaborados entre 1936 e 1938.

Palavras-chave: Leituras; Raízes do Brasil, Sérgio Buarque de Holanda.

Abstract: It is intended to analyze the readings that were proposed to the first edition of *Roots of Brazil*, by Sérgio Buarque de Holanda, through the study of the 78 excerpts (comments and reviews) elaborated between 1936 and 1938.

Keywords: Readings; Raízes do Brasil Roots of Brazil, Sérgio Buarque de Holanda.

A obra de Sérgio Buarque de Holanda e a elaboração de um projeto de “escrita da história” para pensar o Brasil

Mais um livro bastante interessante acaba de dar à estampa a *Livraria José Olympio*. Trata-se de *Raízes do Brasil*, obra que inicia, dirigida por Gilberto Freyre, a Coleção “Documentos Brasileiros”. *Raízes do Brasil* vem trazer ao movimento intelectual que agita o nosso país, a ânsia de introspecção social que é um dos traços mais vivos da nova inteligência brasileira, uma variedade de material, em grande parte ainda virgem. Desde o inventário à biographia: desde o documento em estado quase bruto à interpretação sociológica em forma de ensaio. Por isso, muita razão teve o prefaciador ao afirmar que “animando-a o jovem editor José Olympio mais uma vez se revela um editor consciencioso”. Não podia ser mais feliz, portanto, a novel collectanea, sendo iniciada por uma obra do folego intelectual de *Raízes do Brasil*².

¹ Professor titular na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), nos cursos de Pedagogia e de Ciências Sociais, e do programa de pós-graduação em Educação e do ProfSocio. Professor permanente do programa de pós-graduação em História da UFPR. Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), com estágio de pós-doutorado pela mesma instituição. Suas publicações mais recentes são: Para ser historiador no Brasil (Alameda, 2020); O curso de geografia e história (Alameda, 2021); e As tramas das tensões discursivas (Alameda, 2023). E-mail: diogor@uemg.br.

² Siarq/Unicamp, Pt176 P61.

Essas observações foram expostas na *Revista Beira-Mar*, no final de 1936, quando foi publicada a primeira edição de *Raízes do Brasil*. Mas antes de chegar a esse tipo de sistematização do processo histórico, de modo a interpretar a sociedade brasileira, inquirindo a conformação de uma psicologia social coletiva de “longa duração”, sintetizada sob a definição do “homem cordial”, Sérgio Buarque de Holanda (SBH) havia percorrido cidades, arquivos, livros, e a imprensa periódica, para poder acumular indícios plausíveis sobre suas afirmações.

Para justificar sua opção pelo uso de outros tipos de fontes, além das de cunho “oficial”, o autor procurou mostrar a importância dos relatos de viajantes dos séculos XVIII e XIX. Essa opção metodológica também lhe dava subsídios para criticar teorias aceitas, interpretações assentadas na tradição crítico-literária, sociológica e historiográfica.

Por essa razão, pretendemos verificar de que maneira o autor procurou elaborar um projeto de escrita da história para pensar o estado de São Paulo e o Brasil, nos anos de 1930 e 1940, quando começava a caminhar progressivamente, como “historiador por vocação” (Glezer, 1976), para o campo específico dos “estudos históricos”.

Sua produção, evidentemente, não estaria limitada apenas a este campo de estudos, mas mantinha uma nítida relação com outras áreas, como a filosofia, a crítica literária e a sociologia (Galvão, 2001; Prado, 2004; Nicodemo, 2011; Roiz, 2020). Para Maria Odila da Silva Dias, na década de 1930 “parecia ainda oscilar nas suas vocações de jornalista crítico do presente e de historiador da sociedade e da cultura brasileiras”. E desvendar “no presente as ‘sobrevivências arcaicas’ do passado levou-o a uma concepção libertária e relativista do processo histórico, propícia à tarefa que se impunha, de renovar as diretrizes de interpretação do processo de formação da sociedade e do Estado no Brasil” (Dias, 1985, p. 10), e ao qual começou a levar a cabo, segundo a autora, com a publicação de *Raízes do Brasil*, em 1936. De acordo com ela:

Há uma ponte na formação intelectual de Sérgio Buarque de Holanda entre a sua militância modernista e a vocação de historiador, que valeria a pena ser mais esmiuçada. O fato é que há um fulcro inspirador comum a todos os seus trabalhos, que é a reconstituição das tensões entre as tradições e a mudança histórica, sucessivamente retomadas em suas obras sob ângulos de abordagem diferentes. Entrevista a condição humana através do seu acontecer no tempo, como que aspirando a libertar-se do domínio da própria cultura e do legado dos antepassados; modernista e relativista, admitia a imanência das forças históricas e a singularidade, o peculiar, o específico de cada sociedade ou nação. A mudança parecia inerente ao devir, oriunda

da interação espontânea de suas contradições, do movimento de forças antagônicas, e nunca uma atribuição da vontade de alguns indivíduos ou de sistemas políticos artificiais, impostos por grupos sociais hegemônicos. O processo histórico não lhe parecia um plano racional e dirigido, nem a condição dos homens muito dependente de legados ou tradições, ou sequer submissa às forças da natureza (Dias, 1985, p. 11).

Além disso, seus trabalhos não se reduziam a uma interpretação meramente política do processo histórico, visto que procurava avançar justamente sobre as questões sociais e culturais, e não se mantinha enclausurado em teorias, conceitos e metodologias, mas antes procurava usar tais pontos sempre como hipóteses de trabalho a serem inquiridas durante o processo de pesquisa e no período da escrita, onde expunha os resultados alcançados. E como nos indica ainda Silva Dias:

Focalizar a ação transformadora do tempo parecia uma alternativa promissora para uma visão do passado excessivamente preocupada com as forças de permanência e conservação; propunha-se libertar a historiografia de valorizações épicas e das distorções de um paroquialismo patrioteiro e apologético. Ao culto dos bandeirantes heróicos, opôs estudos sistemáticos de suas formas de sobrevivência, de técnicas materiais copiadas dos índios, ressaltando as forças mais dinâmicas e ativas da fronteira, em detrimento de determinismos climáticos ou raciais. Criticou a tese, defendida por Oliveira Viana, da falta de vocação dos portugueses para a democracia e o governo local, assim como a mistificação do povo-massa dos autores integralistas. Em contrapartida, elaborou estudos sobre os obstáculos que se opunham à renovação das elites dirigentes no Brasil colonial e no Império, dando nova abordagem ao papel dos figurantes mudos na história do Brasil – vadios, remeiros das monções, mamelucos, homens pobres, anônimos (Dias, 1985, p. 12-13).

Apesar de parecerem triviais essas observações, no período em que o autor começava a transitar em direção aos “estudos históricos”, de modo a praticá-los como um “historiador por vocação” (Glezer, 1976), entre os anos 1930 e 1940, e que, a partir dos anos 1950, seria reconhecido pelos “pares” igualmente como um “historiador profissional” (Dias, 1985, 1988; Marras, 2012), elas indicam-nos como seu percurso foi tenso e complexo. Por isso essas observações são cruciais, ainda mais por ser aquele momento o de formação das primeiras turmas de alunos nos cursos de Geografia e História, que começaram a ser criados no Brasil, a partir dos anos iniciais da década de 1930 (Ferreira, 2013; Roiz, 2012, 2021).

Foi justamente em um deles, no curso de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Distrito Federal (UDF), que o autor atuou como assistente nas cadeiras de *História Moderna e Contemporânea*, e de *Literatura*

*Comparada*¹ (esta no curso de Letras). Apesar de ambas terem lido importantes, em sua formação de crítico literário, cuja “versatilidade de minhas preocupações não justificava por si só o primeiro convite que recebi para professor universitário”, o fato “é que me encaminhou para a crítica literária em jornais de mais de um Estado, numa época em que a imprensa diária não dispensava os rodapés de crítica” (Holanda, 1979, p. 15). No que se referia à história, é “verdade que as desvantagens da versatilidade se fazem menos sensíveis no caso particular dos estudos históricos do que se pode esperar, e nem cabe reiterar aqui tudo quanto escreveu Lucien Fèbvre, renovador de tais estudos, contra o espírito de especialização na historiografia” (Holanda, 1979, p. 31). Mas, quanto “a mim, julgo que o exercício da crítica, mesmo que a não aperfeiçoasse, não transtornou minha vocação principal, de historiador”, e inclino-me à “suposição de que ela me foi ao cabo proveitosa, embora não seja eu o melhor juiz para dizê-lo” (Holanda, 1979, p. 32).

O fato é que foi como assistente de Henri Hauser (1866-1946), quando este presidiu a cadeira de *História Moderna e Contemporânea* (Ferreira, 2013), em meados dos anos 1930, que o autor teria aprendido as especificidades do ofício de historiador, para o qual passaria a se dedicar. Isto é, viu desde a confecção e o uso que deveriam ser feitas de fichas para anotação de obras, textos e fontes, o formato de interpretação a partir do cruzamento da bibliografia com as fontes documentais; que igualmente deveriam ser feitas outras fichas para o processo de fichamento das fontes; que o trabalho de pesquisa em história é lento e meticuloso, por isso exigia tempo e paciência por parte de quem o praticava; e que o questionamento devia sempre percorrer as fontes e a bibliografia, para o bom andamento do trabalho de pesquisa e a construção das interpretações históricas (Holanda, 1979, 2011a; Marras, 2012). Desse modo, as regras do método que começou a aprender com Hauser se converteram, no crítico literário, em uma oportunidade de ir se aperfeiçoando num campo de pesquisa que começava a prosperar no país, especialmente entre as universidades (Nicodemo, 2008, 2011; Franzini, 2010). Isso ocorreu em um momento de mudanças, tanto da sociedade brasileira, quanto dos próprios “estudos históricos” nacionais e internacionais (Gomes, 1996, 2009).

Destarte, não podemos perder de vista que ao mesmo tempo em que o autor ia explorando novos caminhos para praticar o “ofício de historiador” e proceder à “pesquisa histórica” no Brasil, este também teria visto as limitações de certos

¹ Para Arlinda Rocha Nogueira: “Profissionalmente, também, o ano de 1936 foi positivo. [...] Em 13 de maio foi contratado para o cargo de Professor-Assistente da cadeira de História Moderna e Contemporânea, da qual era titular o Professor Henri Hauser; e da de Literatura Comparada, do Professor Trouchon. Com o retorno dos professores para a Europa, Dr. Sérgio assumiu-a. Em 1938 foi nomeado Professor-Adjunto da segunda seção didática. Permaneceu apenas um ano como tal, pois, em 1939, foi extinta a Universidade do Distrito Federal” (Nogueira, 1988, p. 22).

programas políticos, como o então usado pela esquerda brasileira, cujo marxismo em prática era para Sérgio Buarque uma verdadeira prisão teórica e metodológica, além de representar mais um dogmatismo político. De acordo com ele:

Minha inclinação marxista no Brasil, frustrada depois de uma conversa tediosa com Otávio Brandão, um dos próceres comunistas no Rio, não bastava para tirar-me do beco sem saída em que me afundava [de uma prática política, além da de pesquisa], e voltar a ela seria voltar um pouco ao ambiente intelectual que eu quis deixar, deixando o Brasil (Holanda, 1979, p. 30).

Apesar de sua prática política, mais voltada para o caminho das “esquerdas”, não ter se arrefecido em sua estadia em Berlim, na Alemanha, certamente o autor voltou para o Brasil ainda mais crítico aos regimes totalitários que, para ele, poderiam surgir tanto da direita como da esquerda política (Holanda, 2004, 2011a). E isso, evidentemente, se refletiu em sua tentativa de pensar o Brasil, em sua obra de estreia. Para Antonio Candido:

Os marxistas brasileiros não haviam criado um pensamento equivalente ao que estou me referindo [a *Raízes do Brasil*], porque a sua tendência foi transpor mecanicamente os esquemas externos. Apenas um, Caio Prado Junior, desenvolveu mais tarde um pensamento vinculado às condições brasileiras (e aí, com um timbre revolucionário), no livro **A Revolução Brasileira** (Candido, 1988, p. 65).

Ao mesmo tempo em que desenvolvia uma prática política equilibrada para pensar o Brasil, em consonância com um projeto peculiar para rastrear e interpretar a sua história, o autor também foi definindo essas práticas, mediante as relações que foi estabelecendo com parentes, amigos e profissionais do Brasil e do exterior. Veja-se, por exemplo, a missiva que o escritor e jornalista Antonio Carlos Couto de Barros (1896-1966), expediu de São Paulo em 17 de abril de 1939, na qual relatava a Sérgio que:

Parece que estamos combinados em viver o mesmo rythmo no tempo: demoramos os dois: V. em escrever, dando notícias, e eu em responder, agradecendo.

Muitas coisas teria que lhe dizer agora, mas prefiro contar-as de viva voz, á sua próxima vinda a S. Paulo. Antes de tudo, quero agradecer os seus votos de felicidade. Retribuo “com juros”, como se diz na tecnica dos agradecimentos – desejando a V., a Maria Amelia e Heloisa Maria tudo quanto possa haver de bom neste mundo.

[...]

Quanto a mim, estou professoral, substituindo a Simonsen na cadeira de H. Economica do Brasil.

V. dê lembranças ao Manuel Bandeira, ao Prudentinho, ao Rodrigo, aos velhos amigos enfim. [...]²

Ao tom amigável e fraterno dessa missiva, seu cunhado, José Augusto Cesário Alvim, escrevendo-lhe de Lisboa em 16 de outubro de 1940, não deixando de lado tais questões, preferiu lhe circunstanciar outros pontos, a rigor de cunho profissional:

Meu caro cunhado e professor:

Estive hoje no Arquivo Colonial com o Dr. Múrias que é um desses portugueses que até parecem brasileiros – é delicado, agradável, interessantíssimo no bate papo. Elogiou o seu livro [*Raízes do Brasil*], falou muito no Dr. Afranio Peixoto, no Taunay, no Rodolfo Garcia, etc... Colocou logo todo o arquivo a minha disposição. Há lá coisas de 1ª ordem e inéditas. Quasi todos os papéis referentes á historia colonial nos séculos XVI, XVII e XVIII (estes ultimos em menor numero) que se achavam na Biblioteca Nacional, [mas] foram transferidos para lá. Grande parte dos documentos (que se encontram aos milhões) só agora estão sendo catalogados. Os catálogos antigos – inclusive o que existe aí em nossa Biblioteca Nacional – estão, no dizer do Dr. Múrias, muito defeituosos e incompletos. [...]³

Foi assim, em meio a uma rotina de trabalho cujos contatos lhe mantinham informado sobre as novidades no mercado editorial, com relação à disposição de arquivos nacionais e estrangeiros, e a possibilidade de novos trabalhos, que o autor começou a desenvolver sua predisposição pelos “estudos históricos”, iniciando um projeto que só levaria a cabo nas décadas seguintes (Roiz, 2012,2013), e que teve início com a publicação de *Raízes do Brasil* em 1936. Da mesma forma que ele igualmente lhes mantinha informados a respeito das novidades do Brasil e do exterior na resposta às suas missivas.

De crítico literário a sociólogo: os caminhos da escrita como “historiador por vocação”

Poderia objectar-se: estará certo, esse apeito á “forma”, com desprezo pelo “espírito” interior que o deve animar? Não será isso uma continuidade do erro posto em relevo, a respeito do bacharelismo [...]? [...] Foi talvez porque, no Brasil, esquecemos esse “espírito” criador, deixando-nos acalantar pelas [...] ideologias estranhas – que até hoje não somos um povo verdadeiramente democratico [...]⁴.

² Carta de Antonio Carlos Couto de Barros a SBH, São Paulo, 17 de abril de 1939. Siarq/Unicamp, Cp 37 P5.

³ Carta de José Augusto Cesário Alvim a SBH, Lisboa, 16 de outubro de 1940. Siarq/Unicamp, Cp 47 P5.

⁴ Álbum de 78 recortes de jornal, elaborados entre 1936 e 1938, e reunidos pela irmã de SBH, relativos à primeira edição de *Raízes do Brasil*, e se encontram no Siarq/Unicamp, Pt176 P61.

Essas foram as indagações levantadas sobre a primeira edição de *Raízes do Brasil* por Álvaro Augusto Lopes – então pertencente ao Instituto Histórico e Geográfico de Santos (IHGS), ocupando a cadeira de sócio n. 67 –, que a esboçou em seu artigo, *À margem dos Livros*, publicado no jornal *A Tribuna* de Santos, no estado de São Paulo, em 9 de novembro de 1936.

Após destacar a importância do livro e o pioneirismo do empreendimento iniciado pela livraria José Olympio Editora, do Rio de Janeiro, com a criação da coleção *Documentos Brasileiros*, sob a direção de Gilberto Freyre (1900-1987), o autor se deteve na análise sintética (sintática?) do texto, expressando seu apreço pelo escritor que, para ele, conseguia demonstrar os principais obstáculos para o desenvolvimento do país e de sua população. Sua análise faz parte dos 78 recortes de jornal reunidos pela irmã de Sérgio Buarque, Cecília Buarque de Holanda, relativos aos comentários que a primeira edição de *Raízes do Brasil* foi recebendo entre 1936 e 1938, e expõem desde notas rápidas e, quase sempre, não assinadas, até comentários circunstanciados sobre o livro (e, em alguns casos, também sobre seu autor)⁵.

A partir dessa documentação pretendemos fazer, neste item, um duplo movimento: 1 – circunstanciar os comentários e as críticas que a primeira edição do livro de estreia de Sérgio Buarque foi recebendo neste período; 2 – mostrar como o autor foi tangenciando pela crítica literária e sociológica, até começar a se firmar no campo dos estudos históricos, a partir dos anos 1930. Movimento, aliás, sentido em muitos dos comentários expressos sobre *Raízes do Brasil*, que, em muitos casos, não se reduzem à análise da obra, mas por meio dela vinham a destacar parte da trajetória inicial de seu autor.⁶

Desse modo, com base nas perspectivas que o autor foi desenvolvendo em suas primeiras pesquisas históricas é que procuraremos refletir como ele passou da crítica literária e sociológica para a análise histórica, num momento em que igualmente a pesquisa histórica começava a transitar entre o “autodidatismo” e a “profissionalização” do trabalho de pesquisa do historiador, com a criação dos

⁵ Uma primeira tentativa de sistematização deste material pode ser vista em: Carvalho, 2012, 2013. Alguns anos depois Furtado (2018) empreendeu estudo mais sistemático a respeito da questão.

⁶ Note-se que, como demonstra a interpretação de Sérgio da Mata (2016), a primeira edição de *Raízes do Brasil* mantinha um cunho conservador em algumas de suas apreciações, só se alterando consideravelmente a partir da segunda edição de 1948. No que diz respeito a democracia, e sua apreciação no livro, Leopoldo Waizbort (2011) apresenta igualmente hipóteses interessantes para a análise da questão. Vale destacar ainda a interpretação de Luiz Feldman (2016), ao mostrar os complexos caminhos que levaram *Raízes do Brasil* a se tornar um clássico por amadurecimento, a partir de sua quinta edição de 1969, com o emblemático prefácio de Antonio Candido para esta edição. Com a meta de pensar o conceito de político na primeira edição do livro, Feldman (2025, p. 129-152) mostra como Sérgio Buarque, inclusive, manifestava certo apreço pela interpretação de Carl Schmitt e “aceitava de bom grado em Schmitt [...] a sentença condenatória do liberalismo e a antropologia negativa como premissa ampla do autoritarismo” (Feldman, 2025, p. 137).

primeiros cursos de Geografia e História das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, em vários estados do país, a partir dos anos 1930 (Ferreira, 2013; Falcon, 2011; Roiz, 2020, 2021).

Como já antecipamos, os comentários foram produzidos entre 1936 e 1938, em várias partes do país, indo da nota rápida até a análise circunstanciada da obra, e nos serviram de guia para cotejarmos como os contemporâneos de Sérgio Buarque começaram a avaliar sua produção inicial, feita entre os anos 1920 e 1930, e que culminaria com a publicação de *Raízes do Brasil* em 1936 – desnecessário acrescentar que o acervo sobre o qual nos detemos certamente não contém a totalidade dos comentários e resenhas que foram produzidos no período. No jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre/RS, em notícia cuja autoria permaneceu anônima⁷, de 27 de novembro de 1936, assim se destacava a publicação do livro:

As novas diretrizes que está tomando a intelligencia brasileira são bem differentes dos rumos seguidos, até ha pouco tempo pela maioria dos nossos intellectuais. Ha, principalmente nos novos, um desejo sadio de pesquisar, de inquirir, de explicar racionalmente todos os multiplos problemas que se apresentam aos seus olhos avidos de conhecimento.

Sergio Buarque de Hollanda situa-se entre os que mais pacientemente tem trilhado esse caminho. O livro: *Raízes do Brasil* que acaba de publicar, iniciando a collecção “Documentos Brasileiros” creada pela livraria José Olympio Editora e dirigida pelo sociólogo Gilberto Pierre [aqui aparece errado o sobrenome, que seria “Freyre”], é o resultado de um acurado estudo, de uma paciente pesquisa, e diz bem da capacidade invulgar do seu autor para esse genero de estudos.

Nos capitulos que compõem esse ensaio [...] o autor estuda a nossa evolução, desde os phenomenos característicos do descobrimento e colonização, até o momento actual, provando possuir um vasto cabedal de conhecimentos e uma segura visão para distinguir e julgar com acerto. Alliando a essas virtudes de pesquisador os meritos de prosador claro e elegante, consegue o autor dar ao seu trabalho verdadeiramente valioso uma feição agradável, tornando-se a sua leitura um requintado prazer espiritual [...]8.

Também do Sul do país veio o comentário que apareceu em *O Tempo*, jornal de Rio Grande/RS, em nota não assinada de 7 de dezembro de 1936, que informava :

O sr. Sergio Buarque de Hollanda, estudando as diversas phases sucessivas de nossa evolução, se revela um profundo pesquisador de nosso passado e um analysta muito perspicaz. Interpretando com

⁷ As notícias e os artigos não assinados, normalmente eram produzidos pela equipe editorial do jornal, responsável pela seção, ou mesmo pelo editor chefe.

⁸ Siarq/Unicamp, Pt176 P61.

muita justeza os factores de nosso desenvolvimento economico, as causas de nossa evolução politica e as raízes de nossas reformas sociais, o autor vae buscar nelles, na sua interdependencia, as bases do progresso brasileiro, afirmando a sua fé nos destinos do Brasil⁹.

Poucos dias depois, em 9 de dezembro de 1936, apareceria na *Gazeta do Povo*, jornal da cidade de Curitiba, no estado do Paraná, texto assinado por F. Albizu, no qual destacou na seção de *Livros novos* que:

[...] [n]a obra de Sergio Buarque de Hollanda “Raízes do Brasil” [...] o jovem autor paulista revela-se um profundo conhecedor do assunto, um arguto pesquisador dos fenomenos formadores da nossa nacionalidade.

Retomando á psicologia dos nossos descobridores, aos seus processos de colonização e de adaptação, em face das reações do ambiente, das influencias interiores e exteriores, consegue, por um claro e metodosado estudo da evolução brasileira, chegar ate a explicação lógica de muitas particularidades da nossa psicologia social, desfazendo muitos preconceitos correntes, destruindo algumas teorias, aceitas por varios autores nacionais¹⁰.

Em Florianópolis, no estado de Santa Catarina, em 22 de janeiro de 1937, no jornal *Diário da Tarde*, numa notícia não assinada, destacava-se que o livro se tratava de “um estudo muito serio das nossas origens, dos aspectos mais significativos da nossa formação, e da introdução desses factores de origem e seus effeitos em nossa actualidade”¹¹. Apreciação, aliás, semelhante podia ser encontrada também nos artigos de Octavio Tarquinio de Souza (1889-1959), publicado em *O Jornal*, do Rio de Janeiro, em 8 de dezembro de 1936, ou no de Roberto Seidl, na sua resenha bibliográfica, publicada em *Através dos livros* (apesar de não datada, é bem provável que seja do mesmo período, do final de 1936 ou início de 1937), onde enfatizava que o “sr. Sergio Buarque de Hollanda sabe observar as cousas e dizel-as sem rebuços, sem a preocupação de agradar ou de desagradar”¹² a quem quer que seja.

Mas não seria, evidentemente, apenas do Sul do país que viriam as apreciações esboçadas sobre a primeira edição de *Raízes do Brasil*.¹³ Encontrava-se igualmente material rico em informações nos jornais e revistas do Nordeste do Brasil, como no jornal *A Tarde*, de Salvador, na Bahia, que em 13 de março de 1937 observava, em notícia assinada por um tal de K., que era “o indice de uma mentalidade superior, em quem o pensamento alto e o senso científico da realidade preponderam”, e “não

⁹ Siarq/Unicamp, Pt176 P61.

¹⁰ Siarq/Unicamp, Pt176 P61.

¹¹ Siarq/Unicamp, Pt176 P61.

¹² Siarq/Unicamp, Pt176 P61.

¹³ Para uma apreciação da distribuição geográfica dos comentários sobre *Raízes do Brasil*, ver: Furtado, 2018.

é história romantizada, numa sonora fantasia, mas austera lição, projeção luminosa de catedra”¹⁴. Com isso, após esmiuçar o empreendimento que começava a ser desenvolvido pela livraria José Olympio Editora, com seu projeto de publicar títulos na coleção “Documentos Brasileiros”, K. procurava comparar esta produção, com as obras de Arthur Ramos (1903-1949), Gilberto Freyre e Nina Rodrigues (1862-1906), de modo a expor as aproximações e as diferenças entre elas, e em relação a *Raízes do Brasil*.

Temos, igualmente, que Gilberto Freyre tenha lançado pelo menos dois artigos neste período, com o objetivo de divulgar a obra e a coleção que então estava sob sua direção. Em um deles, de 25 de novembro de 1936, publicado em *A Nação*, do Rio de Janeiro, Freyre se utilizaria, com poucas alterações, do prefácio que escreveu para apresentar o livro de Sérgio Buarque. Por sua vez, em artigo que é provavelmente do mesmo período (final de 1936 ou início de 1937), Aurélio de Limeira Tejo (1908-1992) – autor de *Brejos e carrascais do Nordeste* (de 1937), *Retrato sincero do Brasil* (1950), *Brasil: potencia frustrada* (1968), dentre outros, além de crônicas, contos e romances – publicaria no *Departamento de Publicações* de João Pessoa, no estado da Paraíba, que na “rapidez de um ensaio de [...] quasi duzentas páginas, ó autor realizou um verdadeiro milagre de objectivação e de synthese, sem nenhum prejuizo para o conhecimento pleno da materia e sem incorrer em precipitações muito naturaes a quem se aventura em terreno tão complexo”¹⁵.

Em *O Nordeste*, de Fortaleza, no Ceará, em 19 de abril de 1937, em notícia não assinada, procurava-se alertar que aos “estudiosos das coisas do Brasil e capazes de distinguir as críticas verdadeiras das impressões pessoais este livro é digno de [ser] folheado e apreciado”¹⁶ pelo público leitor em geral, e de especialistas em particular. Também desta região do país, no *Diário da Tarde*, de Recife, Pernambuco, em 12 de novembro de 1937, no texto *Conversa sobre “Raízes do Brasil”*, de Luiz Pandolfi, lia-se que “procurando os elementos mais expressivos de nossa formação, Sergio Buarque, tudo expoz numa análise agil e mostrando um grande senão de introspecção social”, mas errava “redondamente [...] quando diz[ia] no capitulo [sobre] o ‘homem cordial’ [que] não existe entre o circulo familiar e o Estado uma gradação, mas antes uma descontinuidade e até uma opposição”, além de haver “também exagero, do sr. Sergio Buarque, quando diz que no Brasil, durante a fase colonial, exceptuando os jesuitas, houve falta de bons clérigos”. No entanto, apesar

¹⁴ Siarq/Unicamp, Pt176 P61.

¹⁵ Siarq/Unicamp, Pt176 P61.

¹⁶ Siarq/Unicamp, Pt176 P61.

“desses cochilos, Sergio Buarque de Hollanda escreveu um agradável e bom livro sobre a nossa formação social, sobre as raízes do Brasil”¹⁷.

A essa última impressão poderíamos acrescentar a do Padre F. Domingues Carneiro, que no seu texto “Raízes do Brasil”, de 1937, chegaria a constatações semelhantes às do artigo de Luiz Pandolfi. No texto, Domingues Carneiro expõe:

Um capítulo, no livro, obrigando a serias reflexões, fazendo ainda desejar um maior desenvolvimento que lhe fosse dado é aquele que estuda o ‘Homem Cordial’, expressão que foi do escriptor Ribeiro Couto quando dizia que a contribuição brasileira para a civilização será a cordialidade. Traz esse capítulo, considerações curiosas, de importância mesmo, sobre as manifestações da nossa vida emocional: na linguística, nos negócios, no culto. É impressionante a firmeza de observação do escriptor sobre a famosa questão eclesiástica, no Império, luta furiosa que durante longo tempo abalou o país, travada somente porque Don Vidal se obstinasse em não abandonar o seu *excesso de zelo*¹⁸.

Apesar do tom mais elogioso, seu texto, como o anterior, não deixava de observar o uso polêmico que o autor de *Raízes do Brasil*, fazia da expressão “homem cordial”, para demonstrar o processo de desenvolvimento de nossas relações sociais, cuja persistência de certos padrões de comportamento, ao longo do tempo, acabavam por inviabilizar mudanças no modo de agir e pensar das pessoas, assim como na própria estrutura política e administrativa do país¹⁹.

Mesmo considerando a importância destas notícias produzidas no Sul e no Nordeste do Brasil, certamente seria no Sudeste que se concentrariam as análises mais consistentes do tema, especialmente em Minas Gerais e no Rio de Janeiro. No estado de São Paulo, curiosamente a primeira edição de *Raízes do Brasil* não despertou discussões e polêmicas tão acaloradas, como as que ocorreram nesses outros dois estados, mais se aproximando, aliás, das impressões dirimidas nas notas e nos comentários elaborados no Sul e no Nordeste do Brasil. Em *O Oeste Paulista*, jornal de Santo Anastácio, no estado de São Paulo, por exemplo, em 11 de julho de 1937, noticiava-se (em artigo não assinado) que “no volume em apreço o brilhante ensaísta estuda a nossa evolução, desde os fenômenos característicos do descobrimento e colonização até o momento actual”²⁰.

¹⁷ Siarq/Unicamp, Pt176 P61.

¹⁸ Siarq/Unicamp, Pt176 P61.

¹⁹ E cujos percalços Sérgio Buarque sentiu diretamente nos anos 1930, em função de sua instabilidade empregatícia, seja nos jornais, seja na universidade, onde havia atuado por curto período naquele momento (Roiz, 2013; Marras, 2012).

²⁰ Siarq/Unicamp, Pt176 P61.

Mas, como já indicamos, seria em Minas Gerais e, principalmente, no Rio de Janeiro que se reuniria o maior número de comentários a essa primeira edição de *Raízes do Brasil*, além de cercear os debates mais acalorados. Evidentemente, a residência do autor no Rio de Janeiro, sua atuação como professor assistente na Universidade do Distrito Federal (UDF) e seu envolvimento direto com a imprensa periódica (Franzini, 2010; Nicodemo, 2011; Marras, 2012), contribuíram para essa questão. Da mesma forma, sua trajetória inicial pela imprensa periódica, em seus textos de crítica literária, e sua participação no movimento modernista em São Paulo e no Rio de Janeiro (Luca, 2011) iriam, certamente, refletir no tom dos comentários e no modo como seria avaliado seu livro de estreia. Destaque-se, inicialmente, a notícia que Oscar Mendes publicou no jornal *Folha de Minas*, de Belo Horizonte/MG, em 17 de janeiro de 1937, intitulada *A alma*, onde revelava que:

Um dos efeitos da revolução de 1930 foi chamar a atenção dos nossos intelectuais para o estudo dos problemas caracteristicamente brasileiros [...] e [o] sr. Sergio Buarque de Hollanda [procurava] traçar novo 'retrato do Brasil' [em seu livro *Raízes do Brasil*], buscando para isso, os traços ancestrais que portugueses, índios e negros nos herdaram²¹.

Por essa razão, procurava mostrar “as heranças morais” e as “características e costumes que nos vieram dos tempos coloniais, apurados e estratificados no longo período da nossa vida agrária até a época da mudança do nosso sistema econômico-social, em 1888, bem como analisa o nosso caráter, mais os defeitos que as qualidades, tentando explicar o verdadeiro sentido de nossas agitações”²². Onde Oscar Mendes se questiona:

Qual é essa tradição? Quais são seus preconizadores? Ataca-os vagamente, sem que a gente fique sabendo quais são eles, afim de verificar si há razão no ataque, se o adversário é mesmo fraco ou se tudo não passa de uma fácil vitória verbal do autor sobre um inimigo que nem chegou a comparecer pessoalmente ao debate²³.

Ao tomar esse caminho em sua análise, ele nos mostrava a relação e a tensão entre o pensamento medieval e o pensamento moderno na formação do colonizador português, tensão essa que *Raízes do Brasil* buscava salientar para dimensionar as diferenças do empreendimento luso-brasileiro em relação ao hispânico, no que se referia ao processo de colonização nos Trópicos.

²¹ Siarq/Unicamp, Pt176 P61.

²² Siarq/Unicamp, Pt176 P61.

²³ Siarq/Unicamp, Pt176 P61.

Numa linha que também situava o que entendiam como “fragilidades” do livro estava o texto de Jayme de Barros (amigo de Gilberto Freyre), publicado em *O Estado de Minas*, em meados de 1937, na seção de “Chronica Literaria” do jornal, onde salientaria que o “autor de ‘Raízes do Brasil’ não empresta demasiada importancia á influencia do meio, sem duvida poderosa” para se entender a história brasileira. Além disso, afirma a “supremacia da lei da hereditariedade na formação do nosso agrupamento social, sujeito embora ás surpresas de todas as transformações e ao milagre dos aperfeiçoamentos”²⁴, viria a constituir um dos núcleos explicativos escolhidos pelo autor para interpretar a história do país. No entanto, veremos abaixo que o mesmo autor, em notícia anterior, publicada no Rio de Janeiro, procurava justamente enfatizar as qualidades do trabalho. Por sua vez, Octaviano Domingues publicaria na *Folha de Minas*, de Belo Horizonte, Minas Gerais, em 14 de maio de 1937, que o “sr. Buarque de Hollanda não disse [...] porque razão tal plasticidade do mestiço é que facilitou” a construção de uma nova pátria nos Trópicos. Para ele:

O mestiço-individuo não é o maleavel. A maleabilidade está nas gerações mestiçadas, que surgem; na população de mestiços, em conjunto considerados é que se verifica essa grande variabilidade de formas, entre as quaes ha umas tantas, que se adaptam bem ao novo meio tropical.

Nas raças mais puras essa variabilidade é mais difficil, e quando se verifica, sua amplitude é reduzida, de pequena oscillação. Dahi a apparencia de rigidez da raça, a falta daquella maleabilidade de que se fala [...].

Os defeitos, que, por ventura, apresenta o nosso povo, não serão em maioria num balanço que se fizer com as nossas qualidades, convindo lembrar que, graças a estas, foi que transplantamos ou creamos uma civilização em pleno dominio tropical. É só este facto bastaria, por certo, para que fossem revelados aquelles defeitos, num julgamento imparcial do que somos e do que podemos valer²⁵.

A impressão causada neste autor sobre o tom pessimista acalentado nos últimos dois capítulos de *Raízes do Brasil*, e aos quais, segundo informava, se deviam à “influência” que Sérgio Buarque havia recebido de Capistrano de Abreu e de Paulo Prado, é que lhe teriam obrigado a fazer seu ajuste de contas, ao demonstrar efetivamente as “qualidades” da população brasileira, em prol dos “defeitos” considerados pelo autor de *Raízes do Brasil*.

No Rio de Janeiro, a polêmica também se abateu no tom dos artigos, e até com maior ênfase do que as propostas em Minas Gerais. Em *A Offensiva*, Alberto B. Cotrim Netto, revelava-nos em seu texto de 8 de fevereiro de 1937, que:

²⁴ Siarq/Unicamp, Pt176 P61.

²⁵ Siarq/Unicamp, Pt176 P61.

É de pasmar [...] aos que se detenham na sua leitura, a vaicuidade das theses que o autor desenvolve, quasi sempre com o objetivo de contrariar conclusões ha muito estabelecidas e que trazem a chancellia dos nossos grandes sociologos, principalmente de Oliveira Vianna²⁶.

A sua referência para a formação de um estado de tipo totalitário no Brasil seria frágil, assim como suas observações quanto ao Integralismo. Com o objetivo de corrigir justamente esses pontos foi que Cotrim Netto alertava ao autor de *Raízes do Brasil*:

Saiba o sr. Hollanda [que] Estado Fascista não é Estado Integralista: se um e outro são Estados Corporativos, são Estados Fortes, a Corporação Integralista assenta em outras bases [e] o integralismo organizará o Brasil differentemente da forma porque o Fascismo organizou a Italia centralizando em Roma a vida administrativa e politica do paiz, ao passo que nós objectivamos descentralizar o mais possivel, até aos municipios²⁷.

Além disso, ainda notava que:

Para que o autor de ‘Raízes do Brasil’ não continue tentando lamentavelmente a existencia de corporações de periodo [tão extenso] de nossa formação histórica aconselhamos apenas a leitura instructiva e agradável de Affonso de Taunay, de Capistrano de Abreu, ou de Rocha Pombo, já que talvez lhe não seja interessante (o que se infere da leitura do livro em referencia) a pesquisa das fontes dos arquivos²⁸.

Ao nos revelar esses pontos, (1) o autor da matéria apenas tomava como fonte a documentação “oficial”, desconsiderando o uso intenso que o autor de *Raízes do Brasil* fizera então dos relatos de viajantes e da correspondência e documentação administrativa relativa aos atos e mandos dos presidentes de Província; (2) que seu debate com os autores arrolados acima era igualmente acalorado, e não apenas neste livro, mas desde os anos 1920 em seus artigos de jornal (Holanda, 1989, 1996a, 2004, 2011a); (3) que sua visão do Fascismo e do Integralismo tinha tanto uma crítica política quanto um apontamento sociológico, pautados em acontecimentos no Brasil e na Europa, e cuja crítica de Sérgio Buarque não estava simplesmente reduzida a opinião de um “esquerdista” (Candido, 1998a; Sanchez, 2007; Costa, 2007; Ramirez, 2011); (4) e que o olhar crítico sobre a interpretação do processo histórico esboçada pelo autor se devia ao estreitamento de suas posições junto ao Integralismo no Brasil.²⁹

²⁶ Siarq/Unicamp, Pt176 P61.

²⁷ Siarq/Unicamp, Pt176 P61.

²⁸ Siarq/Unicamp, Pt176 P61.

²⁹ Para maior aprofundamento da questão, veja-se: Furtado, 2018; Feldman, 2016, 2023, 2025; Mata, 2016; Waizbord,

Nesses pontos o texto de Jayme de Barros, publicado no *Diário da Noite*, em 23 de novembro de 1936, era categórico: “O Brasil de hoje não é mais o que saiu do Brasil de Capistrano, e de Paulo Prado”, e “Sergio Buarque de Hollanda faz parte da nova geração que procura interpretá-lo sob ângulos diversos aos propostos pelos estudos feitos no passado”³⁰. Para Belarmino Maria Austregésilo Augusto de Athayde, ou simplesmente Austregésilo de Athayde (1898-1993), jornalista, professor e ensaísta (que ingressaria na Academia Brasileira de Letras em 1951), também em artigo para o *Diário da Noite*, jornal do Rio de Janeiro, em 16 de novembro de 1936:

Não ha aqui o lugar de uma critica sobre ‘Raizes do Brasil’. Apenas quero chamar a attenção dos leitores para a constancia de certos vicios brasileiros que constituem UM peso hereditario, cuja extirpação deve ser um ponto de programa para os renovadores da vida brasileira. Refiro-me á absurda tendencia aos titulos academicos, que ainda se conserva no Brasil, a despeito dos postulados da vida moderna. O sr. Sergio Buarque de Hollanda mostra como vem de longe, não na colonia, mas na propria metropole, essa attração dos moços para o bacharelado inutil³¹.

Por essa razão, o autor de *Raízes do Brasil* teria prestado, para Athayde, “um serviço transcendente ao paiz, explicando aos estadistas a origem dos nossos males para que compreendam e tanto quanto possivel adaptem [a]o processo therapeutica ás condições psicologicas que elles revelam”, ao analisar as “amarras” na história do Brasil, que ainda impediam seu desenvolvimento, como uma nação democrática. Com a perspectiva de também salientar os méritos do livro foi que Vieira de Mello registraria em seu texto “Raízes do Brasil”, publicado em *A Nota* de 15 de novembro de 1936, que:

[...] o sr. Buarque de Hollanda não é caólho, não soffre a doença dos exclusivismos unilateraes de methodos historicos. Não é um desses diabos maniacos do determinismo, que querem reduzir os organismos sociaes a puras leis biologicas. Nem é um dos livre arbitristas, que submettem os acontecimentos a meras volições erradas ou certas das gerações successivas. Feliz intelligencia a desse homem, sem rigidez de dogma, com o faro das essencias escondidas da psychologia collectiva, e servida por uma solida cultura, uma cultura sanguinea, bem absorvida, e bem respirada.

2011.

³⁰ Siarq/Unicamp, Pt176 P61.

³¹ Siarq/Unicamp, Pt176 P61.

A grande linha do livro [...] é a que elle procura traçar sobre a plastica adaptação ruralista da cultura iberica ao nosso paiz e a forte transformação que ella começou a soffrer depois de 1888³².

Com base na trajetória de Sérgio Buarque foi que António Amorin destacou em *O Aliado*, de 14 de fevereiro de 1937, que quando “apareceu há quase dez ou doze anos, ao lado de Prudente de Moraes, neto (Pedro Dantas) – talvez a vocação mais pura de crítico que já surgiu entre nós – foi logo revelando as qualidades e o gôsto que agora se afirma virtuosamente”³³ em seu *Raízes do Brasil*.

Como temos visto, a crítica era consideravelmente variada, indo do elogio à recusa peremptória das teses apontadas por Sérgio Buarque em seu livro de estreia. A recepção de sua obra teve genuinamente uma projeção nacional. Talvez por isso, a “rebelia” de sua crítica, ao analisar a constituição histórica da população brasileira, levasse tantos críticos literários, historiadores, sociólogos e jornalistas a se recusarem em observar a sensatez de suas observações e a propriedade de suas teses. Primeiro, por estar indo contra a “tradição historiográfica”, ou, nos termos de Astor Diehl (2002), da “cultura historiográfica”, que se formou desde o final do Oitocentos no Brasil. E, depois, por tentar apresentar uma “nova” leitura do processo histórico, cuja marca principal era justamente a de mostrar as nossas “raízes” para podermos nos desvencilhar delas, criando outros hábitos e formas de agir e pensar.

Isso, talvez, foi o que tenha levado Hélio Vianna (1908-1972), historiador e futuro catedrático (a partir de 1939) da cadeira de *História da Civilização Brasileira* na Faculdade Nacional de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro (Ferreira, 2013), a fazer já em 1936 uma leitura tão crítica da obra de Sérgio Buarque, em *O Jornal*, do Rio de Janeiro, de 30 de novembro de 1936, em sua *Nota sobre Raízes do Brasil* (anteriormente publicada no *Diários Associados*, naquele mesmo ano).

Para ele, apesar “de fazer justiça á acção colonizadora de Portugal”, o autor de *Raízes do Brasil* “resolve arbitrariamente distinguir os povoadores mais antigos de trabalho dos que apenas procuravam as aventuras [...] como se fosse possível differencia-los com nitidez, em sua acção nos primeiros seculos da vida brasileira”. Como nos informava, também haveria fragilidade em sua exposição da tentativa dos holandeses em colonizar o Nordeste açucareiro. De igual maneira, ele persistiria em apontar que a colonização portuguesa majoritariamente esteve limitada ao litoral, “esquecendo, portanto, toda a obra de penetração realizada [...] no segundo seculo, o das grandes bandeiras e conquistas”. Não só isso, pouca importância ele teria dado

³² Siarq/Unicamp, Pt176 P61.

³³ Siarq/Unicamp, Pt176 P61.

“a nossa formação espiritual, assumpto em que passa de largo o sr. Sergio Buarque de Hollanda”, por cometer “assim a injustiça de esquecer o valor da contribuição que á nossa existencia trouxeram innumeros sacerdotes de outras ordens, carmelitas, franciscanos, capuchinhos, oratorianos, etc., além dos seculares”, uma vez que lhe bastaria “olhar qualquer quadro dos aldeamentos de silvicolos nos séculos XVII e XVIII [...] para se capacitar do contrario da referida asserção”³⁴. Além disso:

Sae, entretanto, de seu campo de simples commentarios ou do jogo mais ou menos artificioso das idéias, quando surprehendentemente ataca como pacifico o integralismo [...], quando quer mais objectividade na obra de Oliveira Vianna [...] e quando revela singular incompreensão da these sustentada no livro “Machiavel e o Brasil”, pelo sr. Octario de Faria [...]. Fora, porém, dessas ultimas paginas, que por certo são demais no livro, a elle acrescentadas talvez simplesmente para augmentar o volume, o nivel de “Raizes do Brasil” é o de uma obra sem duvida alguma digna de apreço, sobretudo por ser da autoria de um escriptor com os [...] meritos que possui o sr. Sergio Buarque de Hollanda³⁵.

Ao mesmo tempo, Hélio Vianna ainda nos lembraria que “nem sempre incide em erros de Historia ou de interpretação o autor de Raizes do Brasil”, como se revelava quando “critica a proclamação da Republica e o positivismo inicial”, ou quando “affirma que ‘a democracia no Brasil foi sempre um lamentavel mal-entendido’”, visto que “em todos esses pontos a argumentação do sr. Sergio Buarque de Hollanda é perfeitamente certa”³⁶. Apesar da autoridade com que Hélio Vianna procurava se expressar em seu texto, Dioclesiano Pereira Lima, em *Sobre “Raizes do Brasil”*, publicado no *Jornal do Commercio* de Recife, em Pernambuco, nos apresentava na edição de 15 de dezembro de 1936, que:

Se accaso, o sr. Sergio Buarque de Hollanda incide, como observa o sr. Helio Vianna, em erros de interpretação quando fixa alguns aspectos de nossa historia, ou expande conceitos pouco razoaveis a respeito das nossas inclinações políticas, o facto jamais invalidaria o estudo honesto que faz dos verdadeiros rumos a que obedeceu o processo de nossa estruturação como sociedade.

Raizes do Brasil é, pois, um trabalho que, se realmente, offerece margem a restrições idoneas da critica, não deixa, contudo, de merecer da mesma os justos ecomios a que tem direito como lucubração conscienciosa e sincera, que é, de uma intelligencia moça voltada para a interpretação dos phenomenos mais intimos e mais serios da formação nacional³⁷.

³⁴ Siarq/Unicamp, Pt176 P61.

³⁵ Siarq/Unicamp, Pt176 P61.

³⁶ Siarq/Unicamp, Pt176 P61.

³⁷ Siarq/Unicamp, Pt176 P61.

Para chegar a dirimir essa opinião, o autor procurou inicialmente indicar que conheceu Sérgio Buarque quando Graça Aranha, com base no “espírito moderno”, havia rompido com seus companheiros “imortais” na Academia Brasileira de Letras (ABL), do Rio de Janeiro. Doravante, quando partiu para o Nordeste do país, retornando a sua terra natal, depois de concluir seus estudos em Medicina, este perdeu a ligação com o movimento modernista (que estava em plena expansão de suas diretrizes nos anos 1930), e com o autor de *Raízes do Brasil*, que desde o início havia lhe causado uma ótima impressão. Para ele:

O sr. Sergio Buarque de Hollanda [...] soube, á semelhança do mallogrado Ronald de Carvalho, seguir do pensamento de Graça Aranha, tão somente, o que no mesmo deixava de ser arrebatamento transitorio ou reflexo de influencia extranha. Onde, o sentido profundamente objectivista e essencialmente brasileiro do bello livro que acaba de publicar [...].³⁸

Além dos comentários de Pereira Lima, o próprio Sérgio Buarque havia lançado um texto, *Maquiavel e o sr. Otávio de Faria*, publicado no *Boletim de Ariel* em dezembro de 1933 (Holanda, 1996a, p. 248-250), no qual destacava a impropriedade da crítica que este lançava sobre a obra de Pedro Dantas (pseudônimo de Prudente de Moraes Neto), e cujas teses apresentadas eram verdadeiramente pessimistas quanto à “espécie humana”. Para Sérgio Buarque, o problema foi evidentemente mal posto no livro, assentando suas propostas em base religiosa e metafísica, deduzindo a impropriedade de uma solução democrática, em um povo onde apenas um Estado forte poderia exercer a imediação dos problemas políticos, sociais e econômicos. Por fim, observava como o livro esgotou-se rapidamente, servindo até de receituário para as “novas gerações”, cujas propostas deixavam Sérgio Buarque claramente receoso. Mas, ao que tudo indica, eram viáveis para Hélio Vianna.

Assim, está rapidamente sintetizado o painel que surge da análise de uma parte dos 78 recortes de jornal, oriundos do Álbum organizado pela irmã de Sérgio Buarque, e vemos como seus contemporâneos analisaram a publicação de seu livro de estreia no mercado editorial brasileiro, apresentando desde o elogio amigo, até a crítica cerrada e visceral. A partir dessa apreciação nos foi possível fazer um panorama muito mais complexo e completo da movimentação e da recepção da obra de Sérgio Buarque nos anos 1930.³⁹

Note-se que, apesar de estar a par dos comentários que então eram feitos sobre sua obra de estreia, não encontramos indícios de que Sérgio Buarque se preocupasse

³⁸ Siarq/Unicamp, Ptl 76 P61.

³⁹ Para maior detalhamento da questão, ver: Furtado, 2018; Feldman, 2016; Monteiro, 1999, 2015.

em responder às críticas, ou mesmo que estivesse intimidado por elas, nos textos que escrevia para a imprensa periódica do período (Holanda, 1989, 1996a, 2011a).

Mas, comparando a primeira e a segunda edição de seu livro de estreia, veremos, com base nestes comentários, algumas das razões que levaram o autor a retirar, por exemplo, suas referências a Carl Schmidt e a Gilberto Freyre⁴⁰ – até como uma forma de demarcar melhor sua autonomia intelectual. Mesmo se considerarmos que a divulgação da obra era responsabilidade de Gilberto Freyre, então diretor da coleção *Documentos Brasileiros, iniciada justamente com Raízes do Brasil* em 1936, e de José Olympio (1902-1990), como editor, que logo após o lançamento do livro, como de costume, havia pago a Sérgio Buarque os direitos autorais relativos à primeira edição, tal como vemos no recibo que este assinou em outubro de 1936, onde declarava que:

Recebi de José Olympio Pereira Filho a importancia de 3:000\$000 (três contos de reis) correspondentes aos direitos autorais da primeira edição de meu livro “Raízes do Brasil”, edição de 3.000 exemplares, tendo sido tirada mais 100 exemplares para publicidade e mais 20 exemplares em papel especial [...] ⁴¹.

José Olympio estava, evidentemente, comprometido com a divulgação e venda da obra, que então estava sendo comercializada por 10\$000 (dez mil réis) o exemplar. Também não podemos perder de vista que Sérgio Buarque, como vimos nos comentários acima, já começava a ser conhecido nos círculos intelectuais dos “homens de letras” de várias partes do país, e mesmo do exterior.

Considerações Finais

[...] paulista nato, é dos que mais honram a cultura bandeirante, com uma série de estudos, alguns já clássicos⁴².

Assim, o poeta e jornalista Menotti del Picchia (1892-1988) sugeria em seu artigo “Visão do Paraíso”, publicado em *A Gazeta* de 17 de setembro de 1960, como deveria ser encarada a obra pioneira de Sérgio Buarque. De modo semelhante se pronunciaria o historiador João Camilo de Oliveira Torres, no seu artigo “Dois livros”, publicado em *O Diário*, de Belo Horizonte, em 29 de dezembro de 1960, ao dizer, se referindo a *Visão do paraíso*, que vamos “seguindo por ai, lendo e aprendendo, descobrindo coisas extraordinárias e sentindo que havia mais coisas

⁴⁰ Ver ainda sobre essa questão as instigantes análises de: Waizbort, 2011; Rocha, 2012; Mata, 2016; Feldman, 2025.

⁴¹ Siarq/Unicamp, Vp18 P1.

⁴² Siarq/Unicamp, Pt 248 P62.

naqueles nossos antepassados que mudaram a história do mundo do que geralmente se supõe.”⁴³ Pioneirismo, inovação, originalidade e erudição passariam a ser, a partir dos anos 1960, quase sempre, a norma nos argumentos presentes nos comentários publicados na imprensa periódica sobre os livros de Sérgio Buarque de Holanda. Tal como vimos neste estudo, o autor foi progressivamente se estabelecendo como “historiador por vocação”, após transitar pela crítica literária e sociológica nos anos 1920 e 1930, mas sem, com isso, deixar de praticar o ofício de “crítico literário” na imprensa periódica nos anos 1940 e 1950, quando veio a se consolidar como historiador do Brasil.

Foi aos poucos que ele foi se definindo no campo dos “estudos históricos”, mas sem nunca abandonar sua aptidão pela “crítica literária”. Que, aliás, lhe valeu não apenas a sensibilidade literária na escrita de seus textos, no devassamento dos arquivos, na análise de acervos documentais cada vez mais amplos e no cultivo de um ecletismo teórico e metodológico em suas práticas de pesquisa, como também uma sensibilidade literária para descrever os painéis que construiriam suas interpretações históricas a respeito da sociedade brasileira.

Assim, trilhou tanto um caminho promissor pelo campo dos estudos históricos, quanto na abertura de frentes de pesquisa sobre temas novos (o estudo das massas e dos personagens anônimos em nossa história) e antigos, como os “bandeirantes”, as “monções”, as “fronteiras”, o “imaginário social” e as “mentalidades coletivas” (Candido, 1998a; Monteiro, Eugênio, 2008; Martins, 2009; Franzini, 2010; Nicodemo, 2011; Marras, 2012; Monteiro, 2015). Criou, ainda, abordagens inovadoras para analisar a temática, sustentando a importância de não se deixar de lado questões socioculturais e econômicas, que junto das estruturas políticas e diplomáticas, permitiam reconstituir melhor a história de uma dada sociedade do passado.

Tais premissas contribuíram diretamente com a consolidação do “ofício de historiador”, após os anos 1950 (Nicodemo, 2008; Franzini, 2010), quando Sérgio Buarque se estabeleceu como professor catedrático na cadeira de *História da Civilização Brasileira* do curso de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, e efetivamente atuou como um “historiador profissional”, como seria depois definido pelos seus “pares” (Dias, 1985, 1988; 2002; Candido, 1998a; Franzini, 2010; Nicodemo, 2011; Marras, 2012).

No entanto, seu percurso não foi nem simples, nem tampouco linear. Vimos como sua “rebelia juvenil” contribuiu para definir sua aptidão pela crítica das “tradições do passado”, pela contraposição às ideias fixadas no tempo e sobre uma

⁴³ Siarq/Unicamp, Pt 251 P62.

geração, pela busca de inovação na linguagem, na pesquisa, na interpretação, e de mudanças nas atitudes, nas ações e nas ideias de seu tempo.

Ao mesmo tempo, vimos como esse modo de agir e pensar lhe valeu críticas e elogios por parte de seus contemporâneos, desde o lançamento de seu livro de estreia, *Raízes do Brasil*, em 1936, em várias partes do país. E que não deixou de mediar mesmo as intervenções subsequentes, que foram produzidas para comentar, discutir e até mesmo criticar as edições seguintes de seu livro de estreia, assim como as primeiras edições de *Cobra de vidro* (de 1944), *Monções* (de 1945), *Caminhos e fronteiras* (de 1957) e *Visão do paraíso* (1958, 1959)⁴⁴. A (fortuna? fortaleza?) crítica deixada por *Raízes do Brasil* acompanhou a trajetória de seu autor, mesmo que na contramão de suas vontades e pretensões (Roiz, 2013; Feldman, 2016; Furtado, 2018).

Obras de Sérgio Buarque de Holanda:

HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. 1ª Edição. Prefácio de Gilberto Freyre. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

_____. *Tentativas de mitologia*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

_____. *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Organização e introdução de Francisco de Assis Barbosa. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

_____. *O espírito e a letra: estudos de crítica literária I (1920-1947)*. Organização, introdução e notas de Antônio Arnoni Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996a, v. 1.

_____. *O espírito e a letra: estudos de crítica literária II (1948-1959)*. Organização, introdução e notas de Antônio Arnoni Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996b, v. 2.

_____. *Para uma nova história*. Organização de Marcos Costa. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004a.

_____. *Escritos coligidos, 1920-1949*. Organização de Marcos Costa. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; Editora UNESP, 2011a.

_____. *Escritos coligidos, 1950-1979*. Organização de Marcos Costa. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; Editora UNESP, 2011b.

Obras sobre Sérgio Buarque de Holanda:

BARBOSA, F. A. Verdes anos de Sérgio Buarque de Holanda: ensaio sobre sua formação intelectual até *Raízes do Brasil*. In. Vários. *Sérgio Buarque de Holanda*:

⁴⁴ Para maior detalhamento da questão, ver: Roiz, 2020; Furtado, 2018.

Vida e Obra. Secretaria do Estado da Cultura. São Paulo – SP: Arquivo do Estado; USP e Instituto de Estudos Brasileiros, 1988, p. 27-54.

BRESCIANI, M. S. M. *O charme da ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil*. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.

CALDEIRA, J. R. C. (org.) *Perfis buarquianos: ensaios sobre Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: IMESP, 2005.

CANDIDO, A. *A educação pela noite*. 6ª Edição. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

_____. *O discurso e a cidade*. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010.

_____. O significado de *Raízes do Brasil*. In: HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. Edição comemorativa 70 anos. SP: Companhia das Letras, 2006, p. 235-50.

_____. Contos de duas cidades. In: CALDEIRA, J. R. C. (org.) *Perfis buarquianos: ensaios sobre Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: IMESP, 2005, p. 9-16.

_____. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: Idem. *Literatura e sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz; Publifolha, 2000.

_____. *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. 3ª edição. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998a.

_____. A visão política de Sérgio Buarque de Holanda. In: CANDIDO, A. (Org.). *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. 3ª edição. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998b.

_____. Sérgio em Berlim e depois. In: Idem. *Vários escritos*. 3ª Edição revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 323-335.

_____. Sérgio, o radical. In: Vários. *Sérgio Buarque de Holanda: Vida e Obra*. Secretaria do Estado da Cultura. São Paulo – SP: Arquivo do Estado; USP e Instituto de Estudos Brasileiros, 1988, p. 61-65.

CARVALHO, R. G. *Um “estudo compreensivo”: historicidade em “Raízes do Brasil”, de Sérgio Buarque de Holanda (1920-1936)*. Dissertação de mestrado em História, UFPR, 2013.

_____. Capítulo da recepção de “Raízes do Brasil”, de Sérgio Buarque de Holanda: leituras contemporâneas à obra (1936-1938). *História e-História*, v. 1, p. 1-24, 2012.

CARVALHO, M. V. C. *Outros lados: Sérgio Buarque de Holanda, crítica literária, história e política (1920-1940)*. Tese de doutorado. Departamento de História, IFCH, Unicamp, Campinas, 2003.

COSTA, M. A. S. *Biografia histórica: a trajetória intelectual de Sérgio Buarque de Holanda entre os anos de 1930 e 1980*. Tese de doutorado em História, UNESP/Assis, 2007.

DIAS, M. O. L. S. Sérgio Buarque de Holanda, historiador. In: Idem. (org.) *Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Ática, 1985, p. 7-64.

_____. Estilo e método na obra de Sérgio Buarque de Holanda. In: Vários. *Sérgio Buarque de Holanda: Vida e Obra*. Secretaria do Estado da Cultura. São Paulo – SP: Arquivo do Estado; USP e Instituto de Estudos Brasileiros, 1988, p. 73-82.

_____. Sérgio Buarque de Holanda na Universidade de São Paulo. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 8, n. 22, 1994, p. 269-274.

EUGÊNIO, J. K. *Ritmo espontâneo – organicismo em Raízes do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Editora João Kennedy, 2011.

FELDMAN, Luiz. *Clássico por amadurecimento: estudos sobre Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2016.

_____. *Mar e sertão: ensaio sobre o espaço no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2023.

_____. O conceito do político em *Raízes do Brasil*. In: FERREIRA, G. N.; BOTELHO, A. (Org.). *Revisão do pensamento conservador II: ideias e política no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2025, p. 129-152.

FRANZINI, F. *À sombra das palmeiras: a coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959)*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2010.

FURTADO, A. *Das fortunas críticas ou apropriações ou Sérgio Buarque de Holanda, historiador desterrado*. Tese de doutorado em História, UFF, 2018. Link: <http://www.historia.uff.br/stricto/td/2032.pdf>.

GALVÃO, W. N. Presença da literatura na obra de Sérgio Buarque de Holanda. *Estudos Avançados*; vol.15, n°. 42, 2001, p. 471-486.

GLEZER, R. *O fazer e o saber na obra de José Honório Rodrigues: um modelo de análise historiográfica*. São Paulo, 1976. Tese de doutorado em História, FFLCH\USP, 2v.

GUIMARÃES, M. L. S. *Historiografia e Nação no Brasil, 1838-1857*. Tradução de Paulo Knauss e Ina de Mendonça. Rio de Janeiro: Eduerj; Anpuh 50 anos, 2011.

GUSMÃO, L. Notas epistemológicas sobre Sérgio Buarque de Holanda historiador. In: Idem. *O fetichismo do conceito: limites do conhecimento teórico na investigação social*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2012, p. 173-338.

LARA, C. *Klaxon & Terra Roxa e outras terras: dois periódicos modernistas de São Paulo*. São Paulo: IEB, 1972.

LUCA, T. R. *A revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

_____. *Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

MARRAS, S. (org.) *Atualidade de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Edusp, 2012.

MATA, Sérgio da. Tentativas de desmitologia: a revolução conservadora em Raízes do Brasil. *Revista Brasileira de História*, v. 36, n. 73, p. 63-87, 2016. Link: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/2016nahead/1806-9347-rbh-2016v36n73-005.pdf>.

MICELI, S. *Vanguardas em retrocesso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MONTEIRO, P. M.; EUGÊNIO, J. K. (org.) *Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas*. Campinas/SP: Ed. Unicamp; UERJ, 2008.

MONTEIRO, P. M. *Signo e desterro: Sérgio Buarque de Holanda e a imaginação do Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2015.

_____. *A queda do aventureiro: aventura, cordialidade e os novos tempos em Raízes do Brasil*. Campinas/SP: Unicamp, 1999.

_____. Sérgio Buarque de Holanda e os atores da nossa revolução. *Cadernos de História Social*, Campinas (SP), n. 4, 1996, p. 59-72.

MONTEIRO, P. M. (org.) *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: correspondência*. São Paulo: Companhia das Letras, Edusp, 2012.

NICODEMO, T. L. *Urdidura do vivido: Visão do paraíso e a obra de Sérgio Buarque de Holanda nos anos 1950*. São Paulo: Edusp, 2008.

_____. *Alegoria moderna: consciência histórica e figuração do passado na crítica literária de Sérgio Buarque de Holanda*. Tese de doutorado em História; FFLCH/USP, 2011.

_____. Sérgio Buarque de Holanda e a dinâmica das instituições culturais no Brasil, 1930-1960. In: MARRAS, S. (org.) *Atualidade de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Edusp, 2012, p. 109-132.

_____. *Alegoria moderna: consciência histórica e figuração do passado na crítica literária de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Editora da Unifesp, 2014.

RINGER, F. K. *O declínio dos mandarins alemães: a comunidade acadêmica alemã, 1890-1933*. São Paulo: Edusp, 2000.

ROCHA, J. C. C. *Raízes do Brasil*: biografia de um livro-problema. In: MARRAS, S. (org.) *Atualidade de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Edusp, 2012, p. 19-40.

ROCHA, J. C. C. *Crítica literária: em busca do tempo perdido*. Chapecó/SC: Argos, 2011.

ROIZ, D. S. *Os caminhos (da escrita) da História e os descaminhos de seu ensino: a institucionalização do ensino universitário de História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1934-1968)*. Curitiba/PR: Editora Appris, 2012.

_____. *A dialética entre o “intelectual-letrado” e o “letrado-intelectual”: projetos, tensões e debates na escrita da história de Alfredo Ellis Jr. e Sérgio Buarque de Holanda (1929-1959)*. Tese de doutorado em História, UFPR, 2013.

_____. *S. Para ser historiador no Brasil: a história de um país e o ofício de historiador entre Alfredo Ellis Jr. e Sérgio Buarque de Holanda (1929-1959)*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2020.

_____. *O curso de Geografia e História da FFCL/USP e a constituição de um campo disciplinar em São Paulo (1934-1968)*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2021.

SALIBA, E. T. De Pafuncio Pechincha a Sérgio Buarque dos Países Baixos: formatos da narrativa humorística brasileira. In: MURARI, F. (org.) *Antigos e modernos: diálogos sobre a (escrita da) História*. São Paulo: Alameda, 2009, p. 231-248.

SANCHES, R. R. *Sérgio Buarque de Holanda: a trajetória de um intelectual independente*. Tese de doutorado em Sociologia, UNESP, Campus de Araraquara, 2007.

WAIZBORT, L. O mal entendido da democracia – Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, 1936. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 26, n. 76, 2011, p. 39-62.